

Histórias de adolescentes, histórias com adolescentes: um estudo sobre a imaginação no contexto escolar

Aline Vilarinho Montezi – PUC/Campinas
Eveline Tonelotto Barbosa – PUC/Campinas

Resumo: A pesquisa que ora apresentamos é parte da investigação realizada pelo grupo de pesquisas “Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas, liderado pela profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC de Campinas. Baseadas na abundância de estudos voltados às problemáticas adolescentes e nas dificuldades enfrentadas pelos profissionais do contexto escolar, principalmente dos professores, no cotidiano com os alunos, vimos a pertinência de construir uma pesquisa- intervenção sustentada pelos pressupostos teóricos metodológicos da Psicologia Histórico Cultural. Para tal, utilizamos, no período de três meses, materialidades mediadoras como histórias e teatro a fim de investigar o papel da imaginação na configuração de sentidos pelos adolescentes, sobretudo, nas relações interpessoais no ambiente escolar. Após as intervenções, os alunos construíram um livro a partir das histórias trabalhadas que foi considerado juntamente com as narrativas dos encontros à luz da teoria vigotskiana sobre a imaginação.

Palavras – Chave: Adolescência, escola, imaginação, Psicologia Histórico-Cultural

Introdução

A naturalização do momento adolecer e as atribuições de características estigmatizantes desvalorizam os jovens na sociedade e promovem a manutenção de relacionamentos conturbados e prejudiciais com eles. Essas perspectivas requerem superação, pois em nada têm contribuído para a promoção do desenvolvimento desses jovens nem tampouco para a construção de políticas públicas voltadas à eles. (Contini, 2003).

Diante desse cenário, vemos a pertinência de investigar outros aspectos da adolescência. É necessário acreditar no potencial de criação dos jovens e favorecer um ambiente propício ao desenvolvimento saudável, de modo a ressignificar as relações bem como as representações atribuídas a eles. Para tal, elege-se como problemática de investigação o papel da imaginação na constituição de jovens, sobretudo nas relações que envolvem a aprendizagem na escola. Assume-se, como perspectiva teórico-metodológica, a psicologia histórico-cultural, que concebe a imaginação como função psicológica superior promotora do desenvolvimento, que se torna meio de ampliação da experiência do sujeito, não restringindo-o ao mundo imediato ou concreto, mas colocando-o em contato com a experiência histórica e social de si próprio e dos outros de suas relações. Essas considerações a respeito da imaginação, enquanto um processo de criação de novas combinações da realidade a partir das interações do indivíduo no meio social, ganham uma ênfase no momento adolecer. Para Vygotski (2009), nesse momento acontece uma intensa reestruturação da imaginação, pois “de subjetiva ela se transforma em objetiva” (p. 48).

Partindo da teoria Histórico-Cultural que adota a dialética como concepção humana e método, compreendemos que investigar o jovem contextualizadamente poderia contribuir para novas maneiras de pensar a adolescência e construir outras possibilidades para atendê-lo socialmente, sobretudo no contexto escolar, no qual há uma grande dificuldade expressa pelos professores ao lidarem com os alunos nesse momento do desenvolvimento que, se apresentariam como desinteressados e desmotivados no envolvimento com as práticas de ensino e aprendizagem, o que justificaria o baixo desempenho na apropriação de conteúdos escolares. Além da dificuldade por parte dos docentes em lidar com as mudanças do momento adolecer, é possível perceber que ainda há uma restrição deles ao método de ensino que privilegia a “transmissão” de conteúdos da maneira

convencional “giz e lousa” na sala de aula, o que, no momento atual, se transforma em um problema para a grande maioria deles.

Esse estudo também poderá nos oferecer subsídios para refletir sobre o papel do Psicólogo Escolar frente às demandas emergentes, sobretudo no que concerne às problemáticas envolvendo adolescentes. Guzzo (2006), chama-nos atenção para uma intervenção no âmbito da prevenção no campo escolar: a necessidade de romper com o modelo médico, que focaliza somente as doenças surgiu devido à pouca eficácia dos problemas decorrentes da maioria da população. Assim, o modelo preventivo se torna imprescindível quando pensamos que a escola é uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento emocional, intelectual e psicológico da criança.

Metodologia

O presente trabalho é baseado nos pressupostos metodológicos da Psicologia histórico-cultural, que postula o sujeito como complexo, constituído nas e pelas relações empreendidas no contexto. Trata-se de lançar o olhar para além do evidente, do que se expressa, rumo à explicação dos fenômenos e não apenas da descrição do observável. (Souza, 2010). Dessa perspectiva, o método tem um duplo desafio: ser ferramenta e resultado da investigação, demandando um trabalho de construção permanente do pesquisador. (Souza, 2010).

Como se trata de uma pesquisa-intervenção, os procedimentos foram construídos gradativamente, durante o contato com o espaço escolar. Estabelecemos uma parceria com um professor interessado em dinamizar as aulas de quatro classes de sexta série, que culminou em três etapas: o “Rapport” com o professor e alunos no contexto de aula para construir o vínculo durante um mês; “Era uma vez”, que consistiu na entrada das pesquisadoras em cena, contando histórias para reflexões com os alunos semanalmente, durante três meses, e na confecção dos livros pelos alunos de cada sala; e o “retorno às aulas”, para acompanhar o devir das etapas anteriores nos dois últimos meses do ano letivo.

Resultados e Considerações

A partir das intervenções, foi possível perceber três movimentos dos grupos de alunos:

1- Levar a experiência para o concreto

Contei a história da guerrinha de tomates da turma do Sebas contra os “Mauricinhos” e todos gostaram bastante. Perguntei a parte que mais gostaram e Rafaela disse que foi a parte dos “Ets!”. Rafaela e Daniel começaram a contar das guerrinhas na escola, na rua, que era divertido quando parecia de brincadeira.

Num primeiro momento, percebemos que o principal movimento dos jovens era levar as reflexões para situações concretas. Vygotski (2009) faz menção a uma primeira forma de relação entre imaginação e realidade, na qual uma obra imaginária é construída a partir de elementos da realidade. No entanto, esse processo depende diretamente da riqueza e da diversidade da riqueza anterior da pessoa, que configura material disponível à imaginação dela.

2- Combinar elementos da experiência deles em situação imaginária

“Foi há três mil anos. Quatro adolescentes foram acampar. Não havia nada no local, então um deles se lembrou de uma brincadeira... Era a do copo! Cada um falava o nome com o dedo no copo, fazia uma pergunta e este se movimentava conforme quisesse falar com uma das pessoas. Na hora que a última pessoa foi falar... BUUUUUUUUMMM! (alguém bateu a porta da sala de aula de verdade! Vicente combinou com o amigo) todos gritaram!

Nesse segundo momento, os jovens estavam mais livres para combinar experiências deles em situações imaginárias. Cabe, no entanto, refletirmos que mesmo a relação estabelecida por eles das

experiências reais com as imaginárias são guiadas por fatores emocionais. Por exemplo, a história de terror, que despertou medo, permitiu que eles trouxessem conteúdos desse cunho vivido por eles. Vygotski diz que no âmbito das emoções, é possível compreender duas relações: tanto da fantasia guiada pelo fator emocional que constituirá o tipo de imaginação mais subjetivo, como o sentimento influenciado pela imaginação.

3- Criação Sui Generis

Falei que estávamos retomando os encontros com histórias, mas que seria um pouco diferente porque o trimestre estava terminando e precisávamos pensar juntos numa maneira de deixar registrado o que vivemos, uma vez que o professor Sérgio precisava retomar as aulas. Vicente sugeriu um livro, enquanto os outros tinham idéias das partes do livro como título, capa, etc. E então, criaram a seguinte história:

“Era uma vez um castelo que havia pessoas mutantes e cada um tinha o seu poder. Era tipo uma escola de aprendizado e havia 31 alunos e cada um tinha um poder. Nessa escola tinha vários tipos de mutação como: dragão, bruxo, bruxa, múmia, vampiro, lobisomen, zumbi, chupacabra. Aí apareceu um professor invisível, o nome dele era Nelson. Esse professor queria ajudar a classe, porque o 6.C era a classe mais encapetada, nem o diretor que era o mais poderoso não podia ver a sala. A maioria dos alunos não suportava um professor chamado Carlos, porque ninguém gostava de Matemática. Tinha um outro professor que era vampiro, o nome dele era Marcelo e ele falava que ia dar uma mordida em nós. Mas como essa classe era terrível, nem o diretor mexia com ela, um dia ele mandou fazer uma reunião de pais. Então todos se reuniram na quadra e ra bruxa que voava em uma vassoura, vampiro que se transformava, macumbeira, era tudo! Aí o diretor chegou e falou: com tantas aberrações, resolvemos fazer uma reunião porque a classe do 6º. C está muito terrível, nem eu que sou o diretor e tenho o poder maior do mundo, não consigo controlar. Então eu peço para que os pais se manifestem. Aí o pai de um aluno levantou-se e disse: Diretor, por que o senhor não manda fazer um caixão para deixar os alunos ruins trancados durante um ano? E aí um pai que era um deus se manifestou e o chão tremeu: Nossos filhos têm que ficar nessa escola!”

Algumas considerações

A partir da mediação com as histórias, foi possível perceber um movimento dos alunos em direção a uma criação original. Primeiro, com a idéia de fazer um livro que eles próprios escrevessem, criassem a história e fizessem todas as partes. Depois, foi possível proporcionar um espaço para se tornarem autores, donos de uma criação. Vygotski fala de outra forma de relação entre imaginação e realidade, a qual consiste na construção de algo completamente novo, que começa a existir no mundo e influir sobre as coisas. Os elementos que são construídos foram “selecionados” da realidade e foram elaborados e transformados em produtos da imaginação. Assim, vemos que essa criação partiu de um movimento dialético e permanece nessa direção.

Referências

Contini, M.L.J. (2003). Psicologia e a construção de políticas públicas voltadas à infância e à adolescência: contribuições possíveis. In Bock, A. M. (orgs). *“Psicologia e compromisso social”*. São Paulo: Cortez.

Guzzo, R.S.L. & Costa, A.S. (2006). Psicólogo escolar e educação infantil: um estudo de caso. *Escritos Sobre Educação*. Vol. 5 (1), p.p 05-12.

Souza, V.L.T. (2010). Texto do método de pesquisa do grupo de pesquisa: *Processos de Constituição do sujeito em práticas educativas (PROSPED)* redigido por Vera Lúcia Trevisan de Souza.

Vygotski, L.S (2009). *A imaginação e a arte na infância:Ensaio Psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka.* São Paulo: Ática